

pelo artista italiano Pagani. No interior, possui rebuscada decoração em estuque, atribuída ao artista italiano Antônio Virzi. Toda essa decoração interna possui design art-nouveau e foi feita por encomenda, pois cada ambiente é decorado com as efígies dos filhos do proprietário. Com a morte do último familiar, a casa entrou em decadência no início dos anos 70, sendo restaurado quinze anos depois, após forte pressão popular para que o prédio fosse preservado da especulação imobiliária. Atualmente nele funciona um centro cultural denominado "Oduvaldo Viana Filho".

O prédio é tombado pela Municipalidade.

CASA DE CULTURA JULIETA DE SERPA – PRAIA DO FLAMENGO, 340 - FLAMENGO

Este grande casarão eclético foi projetado em 1920 pelo arquiteto Luís de Morais Júnior, o mesmo que anos antes projetou o castelo do Instituto Oswaldo Cruz, em Mangueiras. A construção foi encetada em 1920/21 pelos empreiteiros Gaspar José de Souza Reis e J. A. Costa. Originalmente era a residência do industrial José Gervásio Seabra, o qual não economizou na arquitetura e decoração. O corpo arredondado com cúpula articula-se com o prisma recuado, conforme uma tipologia com um na França do século XVIII. Lembra, muito especialmente, a fachada do Chateau de Bagatelle (projeto de Bélanger, 1777). Mesmo a distribuição interna segue o modelo francês. Lateralmente há um porte-cochère com varanda e aos fundos existia uma saída secundária para a rua Cruz Lima. O hall nobre em mármore e granitos de diversas procedências, permite o acesso a uma escada de mármore de carrara branco copiada do Palácio Real de Caserta, na Itália. Aofundo, um grande vitral com tema do Carro de Apolo, do artista francês Henry Guillaume.

O destino a fez a última casa de grande porte a sobreviver na orla do Flamengo.

Na década de 90, a fabulosa residência foi adquirida por Carlos Serpa, antiquário e dono da loja Mémoires. Serviu para a exposição de decoração da Casa Cor, sendo depois restaurada e reaberta em 2002 como loja-museu. Nos fundos foram erguidos um restaurante de luxo e um salão para degustação de vinhos (Bistrô Provence). Na antiga sala de jantar foi montado um elegante salão de chá (Salon D`Or). Nos outros ambientes o proprietário vem realizando exposições temáticas, cujas peças em grande maioria são vendidas aos interessados.

Em homenagem à sua mãe, a casa foi batizada de Julieta de Serpa.

ANTIGA RESIDÊNCIA EDUARDO OTTO THEILER – AVENIDA OSWALDO CRUZ, 4 – ESQUINA DE PRAIA DO FLAMENGO – FLAMENGO

Considerada pelo historiador Paulo Santos "de primorosa arquitetura", apesar da dificuldade do terreno exíguo e triangular, tem espaços internos muito bem resolvidos. O palacete, projetado em 1912 por Heitor de Mello, mostra elegância na fachada em estilo renascimento francês. Há, no exterior, estuques de José Otávio Corrêa Lima, Petrus Verdié e Waldemar Bogdanoff. Mais recentemente, seu interior foi subdividido em quatro pequenos apartamentos.

O palacete é tombado pela Municipalidade.

ESCOLA MUNICIPAL ALBERTO BARTH – AVENIDA OSWALDO CRUZ, 124 – FLAMENGO

Construída em 1907 com doação do comerciante suíço Alberto Barth, tem projeto de 1906 assinado por Francisco Marcelino de Souza Aguiar, arquiteto e então Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro. Seu plano é semelhante ao de outras sete escolas projetadas na mesma ocasião, como a Escola Deodoro, na Rua da Glória, 65.

Trata-se de um bloco compacto com ornamentação à inglesa, patente na alvenaria parcialmente visível em meio aos relevos da moldenatura em argamassa modelada. Um leve

avanço corado com ornamento curvo e um vão duplo marcam o acesso ao centro da composição.

Em 1939 a escola foi fechada e convertida em sede do Tribunal de Exceção, onde foram realizados os julgamentos, muito parciais, dos envolvidos na Intentona Comunista de 1935 e do Golpe Integralista de 1938. Dentre os réus, citam-se o Capitão Luís Carlos Prestes e o Major Severo Fournier. Em 1946, com a restauração da democracia no país, voltou a ser escola.

A Escola Alberto Barth é tombada pela Municipalidade.

MONUMENTO AO ÍNDIO CUAUHTEMOC - AVENIDA RUI BARBOSA - FLAMENGO

Homenageando o último Imperador Azteca, assassinado em 1527, considerado herói pelo povo mexicano por causa de sua luta contra os invasores espanhóis. Esta estátua elaborada pelo artista mexicano Carlos Obregon Santacília foi doada à cidade pelo governo do México como parte das comemorações do Centenário da Independência (1922). Foi inaugurada a 16 de setembro de 1922, data nacional mexicana. Sobre um pedestal de granito, com 05m de altura, eleva-se o bronze representando de pé a figura de Cuauhtemoc em atitude de quem está em combate, tendo nas mãos uma lança e o braço erguido. Usa o manto Tlacatecati, de chefe, e na cabeça o diadema dos guerreiros aztecas.

O paisagismo de entorno é de Burle Marx.

CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO – AVENIDA RUI BARBOSA, 762 – FLAMENGO

Foi construído em 1921/2 por Eduardo V. Pederneras para abrigar o Hotel Sete de Setembro, onde hospedavam-se visitantes ilustres da Exposição de 1922. O edifício é um exemplo raro de arquitetura neogrega no Brasil. A referência entretanto é muito sutil e restrita. Contrariamente à boa regra acadêmica, não tem vão central, o que confere à fachada uma aparência canhestra. Abrigou após a exposição o Internato da Escola de Enfermagem Ana Néri e a Casa do Estudante Universitário.

O prédio é tombado pela Municipalidade.

RUA DO CATETE E O SEU COMÉRCIO

Por mais de 250 anos, a tradicional Rua do Catete não foi mais que mera passagem para os arrabaldes da zona sul. Com efeito, sua história começa em 1575, quando o Governador Antônio de Salema construiu uma ponte, a primeira da cidade, sobre o Rio Carioca, exatamente onde hoje é a Praça José de Alencar. Fez mais, colocou um posto de cobrança de pedágio e, pasmem, construiu sua própria casa nas proximidades. O pequeno caminho carroçável que margeava o Rio Carioca passou então a ser chamado de Catete, que em tupi significa “mato fechado”. Malgrado a evolução da cidade, o local continuou tão deserto que até a época da chegada do Príncipe D. João, existiam apenas uma meia dúzia de chácaras em toda sua extensão.

Uma curiosidade. A Rua do Catete, nos seus primórdios, ia apenas do Largo do Machado até a ponte de Salema. Todo o trecho que ia da Glória ao Largo do Machado era conhecido como “caminho que vai da Glória ao Catete”. Somente no século XIX é que o nome Catete se generalizou, e bem que, em frente ao local onde depois seria erguido o Palácio do Catete foi conhecido por muitos anos com o Largo do Valdetaro, por ali residir o português Manuel de Jesus Valdetaro, Visconde de Valdetaro.

Com a chegada da Côrte, tudo mudou e o local foi escolhido como moradia de nobres, inclusive da Rainha Carlota Joaquina, que possuiu casa na Rua das Laranjeiras, colada no Largo do Machado e de frente da residência de seu favorito, o Comendador Fernando Carneiro Leão, Visconde de Vila Nova de São José. Boas casas surgiram na Rua do Catete, e bem que ela manteve uma aparência rural até o segundo Império. Aí por volta de 1870, começaram

a surgir pequenos sobrados desmembrados de grandes palacetes e, depois que os nobres se mudaram para outros arrabaldes do Rio, até pensões e cortiços ali passaram a existir. Nem a nobre presença do Palácio Nova Friburgo, depois da Presidência da República, foi capaz de impedir a queda do nível de vida dos moradores do lugar. No início do século XX, as grandes mansões haviam sido convertidas em pensões, casas de cômodos, colégios e até casas suspeitas. O próprio Palácio do Catete não virou hotel por pouco.

Pereira Passos, de 1903 a 1906, realizou extensas obras no Catete. Demoliu pardiéis, construiu escolas, reurbanizou os jardins do Largo do Machado, enfim, para usarmos de uma gíria, deu uma “meia sola” no bairro, mas isso não impediu que a Rua do Catete ficasse caracterizada por um comércio miúdo, capelista, sem grandes perspectivas. Eram amarrinhos, garagens, lojas de ferragens, padarias, bares, joalherias baratas, lojas de miudezas (inclusive uma, que existe até hoje colada no Museu da República), e, principalmente, lojas de móveis, usados ou novos. Os donos, quase todos de pequenas posses, residiam geralmente nos sobrados de suas lojas.

Durante décadas a rua era conhecida como lugar onde se compravam móveis baratos. Dos anos 20 aos 60, não existia lugar melhor na cidade para a classe média mobilizar sua casa. Essas lojas, quase todas de propriedade de judeus que haviam conseguido sair da miséria em que viviam na Praça XI de Junho, na Cidade Nova, eram famosas pela proibidade. O costume na época era o seguinte: o camarada casava e, ao partir para a lua de mel, deixava a chave da nova casa com o dono da loja de móveis, para que ele a mobilizasse. Ao voltar, encontrava a casa pronta, com mobília, tapetes, quadros e demais objetos já colocados, os quais poderia pagar em suaves e fixas prestações, numa época em que ainda não conhecíamos a palavra inflação.

Os móveis eram muito baratos e, geralmente, de incrível resistência. Copiavam o estilo inglês Chippendale, eram entretanto feitos de boa madeira, com verniz escuro, impecável. Dependendo do fabricante, eram mais ou menos resistentes aos cupins. Quando morriam os donos da casa, sua mobília passava para os filhos como herança e, em alguns casos, ainda hoje assim acontece. Eram móveis, no entanto, combatidos pelos críticos de arte da época e decoradores refinados, que conheciam esse estilo como pé-de-cachimbo, pelo formato das terminações dos pés. José Mariano filho, famoso e eferino crítico de arte, em seus artigos, chamava as pessoas de mau gosto de “gente que compra móveis na Rua do Catete”. Hoje, alguns desses difamados móveis são disputados por alto preço nos antiquários do Rio. José Mariano deve estar dando voltas na tumba...

Segundo um levantamento obtido em 1974, o último ano antes da destruição da rua pelas obras do Metrô, existiam somente na Rua do Catete 18 lojas de móveis e decoração, sendo 14 no lado par e 4 no ímpar. Na Rua Pedro Américo existiam 4 lojas. Na Rua Bento Lisboa, apenas 2 lojas. No Largo do Machado existiam outras 4 lojas, sendo que duas eram de móveis antigos. Outras existiam na Rua da Glória. A maior concentração era entre o início da Rua, na Glória, até a altura da Rua Dois de Dezembro. Existiam também cinemas, sendo que dois apenas na Rua do Catete, bares, restaurantes, lojas de roupas, etc. Era o Catete a versão zona sul da Rua da Alfândega!

O Metrô chegou ao bairro em 1975. A rua teve trechos inteiros demolidos, e outros interditados. Esse comércio todo desapareceu, indo para Copacabana e subúrbios. Os judeus se mudaram definitivamente para o bairro praiano, sendo que muitos mudaram de profissão ou se aposentaram. Hoje, a Rua do Catete ainda possui um comércio miúdo, de pequenos varejistas, mas nada que lembre o passado. Os hotéis se resumem, em grande parte, às ruas transversais, o Palácio é o Museu da República, os cinemas sumiram aos poucos, apareceram grandes lojas de eletrodomésticos, restaurantes, e prédios de escritórios ou moradia.

O Catete se reabilitou, se bem que com o preço da perda de grande parte de seus valores culturais. No lugar dos judeus, hoje os camelôs tomam a rua, sendo que, aos

domingos, todas as calçadas do Largo do Machado à Glória viram um mercado oriental, num comércio informal mais de acordo com a crise econômica de nossos dias.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES – RUA DO CATETE, 243 – CATETE
Sobradão da época imperial, edificado por volta de 1870. De 1916 a 1937, sediou a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1942, foi adquirido pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Após a destruição do prédio da UNE, na Praia do Flamengo, em 1980, em 1983, o Governo do Estado do Rio de Janeiro cedeu o prédio a diversas entidades estudantis.

O prédio é tombado pela Municipalidade.

PALÁCIO DO CATETE - MUSEU DA REPÚBLICA

O 1º. barão de Nova Friburgo mandou erguer no Rio de Janeiro, de 1858 a 1865 o famoso palácio do Catete, projetado em estilo neoclássico pelo engenheiro alemão Gustav Waehneltdt, e que na República sediaria o poder executivo de 1897 a 1960, e desde então museu deste regime.

Conta-se a lenda de ter o palácio do Catete custado a assombrosa soma de 10.000 contos de réis, mas os recibos sobreviventes atestam o contrário, somando apenas 400 contos. Com certeza, o barão utilizou com o operários seus muitos escravos, servindo-se de grande pedreira existente nas proximidades da rua Santo Amaro. Gastou-se, sim, muito na decoração, iniciada ainda em 1861, quando se encomendou os primeiros móveis na Alemanha. Mármore europeus foram comprados para revestir a fachada e até a grande escadaria central em ferro fundido, francesa, foram trazidos com cuidado e ali instalados.

As estátuas de mármore, os enormes espelhos, os grandes retratos a óleo, hoje nos museus Imperial e da República, o mobiliário severo de jacarandá, tudo acusava o requinte artístico e intelectual do construtor do palácio do Catete, o qual, aos tímidos e prudentes que o desencorajavam nas suas grandes obras, ironicamente respondia: “As minhas asneiras eu as faço de pedra e cal..”.

Coordenou a construção o pintor alemão Emílio Bauch, que morreria louco anos depois no Rio de Janeiro. O barão transformou o palácio num museu de arte, onde reuniu coleções de medalhas, miniaturas de marfim, rendas de Veneza, casulas romanas, livros com ferro no dorso e douraduras no rebordo das folhas, porcelanas chinesas e japonesas, taças de ônix, urnas de âmbar, cálices de cristal da Boêmia, anéis, colares, pedras gravadas, esmaltes de Limoges, camafeus de Florença e mosaicos bizantinos. Panóplias de armas antigas ornaram as paredes do solar desses mecenas de vários pintores nossos, particularmente dos paisagistas. Telas de Emílio Bauch e Edouard Vienot; pinturas murais de Gastão Tassani e Mário Bragaldi, os dois últimos também decoradores do palácio da Quinta Imperial da Boa Vista, em São Cristóvão. Joaquim Nabuco referia-se a ele como “..o Mecenas da Renascença no Brasil”.

Possuía uma coleção de instrumentos de música e, caprichosas eram as centenas de leques e máscaras que costumava adquirir em Paris para mimos e as fidalgas e as ricas que iam aos bailes à fantasia do solar do Catete, festas que se espalhavam pelo parque, no qual possuía portentosos jardins desenhados pelo paisagista francês Auguste Marie François Glazou. Mandou o barão fazer na Itália seis estátuas de gaviões em mármore para a fazenda Gavião. Ao chegarem no Rio de Janeiro, gostou tanto das esculturas que as colocou no palácio do Largo do Valdetaro. O povo, confundindo-as com águias, criou o apelido “Palácio das Águias”, que perdura até hoje no Catete. Na república, colocaram em seu lugar seis estátuas de ferro com personagens históricos, substituídas em 1910 pelas harpias de bronze desenhadas por Bernardelli e até hoje igualmente confundidas com águias.

Muito se discutiu o porquê do palácio ficar colado nas divisas do terreno, com tanto espaço livre para fazê-lo solto no meio do amplo jardim. Inventaram uma lenda de isso ter ocorrido por influência da baronesa, que desejava ver a rua e o movimento da janela, pois estava cansada da vida na fazenda. Não é verdade. Hoje sabemos que o barão tentou adquirir os terrenos do lado esquerdo do palácio, fechando a rua Silveira Martins e incorporando essas terras ao parque do palácio. Sua morte prematura fez abortar esse objetivo.

O barão e a baronesa pouco tempo residiram em suas magníficas casas. Ele faleceu no palácio do Catete, a 4 de outubro de 1869 e a baronesa, logo a seguir, em Nova Friburgo, a 9 de janeiro de 1870. O solar do Gavião e o Palácio do Catete ficaram inconclusos. Com a morte dos pais, os dois filhos sobreviventes ficaram na posse de todos os bens que não foram então divididos e sim administrados em conjunto por ambos até 1880. Tais bens compreendiam não só o palácio do Catete, como prédios em vários pontos da cidade do Rio de Janeiro, quinze fazendas na Província do Rio de Janeiro, entre as quais a do Gavião, Areias e Córrego, em Nova Friburgo e Cantagalo, que eram trabalhadas por 2.500 escravos e colonos.

Antes da abolição, em 21 de abril de 1888, Antônio e Bernardo Clemente Pinto libertaram todos os 1.300 escravos que possuíam. Por este ato, D. Pedro II deu justamente aos irmãos o título de conde, respectivamente de São Clemente e Nova Friburgo, referendados por decreto de 25 de abril de 1888. Falido pouco depois, Antônio Clemente Pinto vendeu o palácio para a empresa "Grande Hotel Internacional" transformá-lo em hotel (Seu irmão Bernardo Clemente residia num casarão onde hoje está o Colégio Bennett, na rua Marquês de Abrantes). Em 1891 essa empresa faluiu devido à crise econômica do ensilhamento sem ter começado a funcionar.

Vendido o palácio ao Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, nele residiu por cinco anos, depois empenhando-o, por dívidas, ao Banco do Brasil. O presidente Prudente de Moraes aproveitou a oportunidade para pagar o empenho e tornar a união proprietária do imóvel, o qual depois de reforma que não o desfigurou, converteu-o em palácio presidencial. Foi reaberto em sua nova função em fevereiro de 1897 pelo vice-presidente em exercício, Manoel Vitorino Pereira, sendo usado como tal até 1960. Os trabalhos de adaptação do palácio em sede governamental foram comandados pelo engenheiro civil Aarão Reis, o projetista de Belo Horizonte. A luz elétrica foi instalada pelo engenheiro electricista Adolpho Aschoff. Vários pintores retocaram as obras murais de velhos mestres, ressaltando os artistas Antônio Parreiras e Armando Vianna. O Presidente do Banco do Brasil, Fernando Guerra Duval, doou seis estátuas de ferro, as quais foram colocadas no ático. Por serem muito pesadas, foram substituídas em 1912 por águias de bronze (ou gaviões de penacho. Os ornitólogos se dividem sobre o que sejam) obras de Rodolfo Bernardelli. Os jardins foram todos refeitos por Paul Villon, discípulo de Glaziou. Um velho chafariz de pedra que havia sido colocado de frente ao palácio, na rua do Catete, foi dali tirado e recolocado no meio da aléia das palmeiras do jardim interno, ali ficando até hoje. Somente o segundo andar do palácio, correspondente aos salões nobres, sobreviveram com poucas alterações.

O prédio atravessou todas as vicissitudes do novo regime nas seis primeiras décadas do século XX, sendo a mais marcante o suicídio do presidente Getúlio Vargas, após grave crise política, num quarto do terceiro andar, a 24 de agosto de 1954. Seis anos depois, o Presidente Juscelino Kubitschek ofechava no dia 21 de abril de 1960, transferindo o governo para a nova capital no planalto central. Desde então nele foi instalado o Museu da República, subordinado ao Museu Histórico Nacional.

Em 1983, o Museu da República foi desmembrado com o unidade autônoma.

ANTÔNIO CLEMENTE PINTO - BARÃO DE NOVA FRIBURGO

Antônio Clemente Pinto nasceu a 6 de fevereiro de 1795 (uma outra fonte registra 6 de janeiro...) na freguesia de Ovelha do Matão, em Portugal. Em 1808 mudou-se para o Brasil com seus quatro irmãos, onde se tornou comerciante. Conta uma lenda que ao prestar socorro ao Visconde de Ubá, João Rodrigues Pereira, por ocasião de uma queda de cavalo, recebeu dinheiro e conselhos que soube ampliar e gerar fortuna. Outra fonte informa ter Antônio obtido tanta fortuna por ter sido procurador dos bens de poderosa família baiana no Rio de Janeiro, donde, anos depois, sobreveio-lhe o apelido de "barão das notas falsas", pois creditava-se a Antônio pouca lisura nesse ofício. Seja como for, ficou muito rico.

Em 1829 embrenhou-se nos "Sertões do Leste", onde inicialmente o atraiu a cata do ouro que se explorava ali há algum tempo. Logo esqueceu essa aventura e tornou-se proprietário de várias sesmarias, que cobriu de cafezais. Em determinada época chegou a possuir trinta léguas de terras. Recebeu o título de Barão de Nova Friburgo por decreto de 28 de março de 1854, e de barão com grandeza, em 23 de abril de 1860; era, ainda, dignitário da Imperial Ordem da Rosa e possuía o hábito de Cristo. Foi casado desde 1829 com D. Laura Clementina da Silva, sua prima-irmã, filha de João Clemente Pinto e de D. Teresa Joaquina da Silva. Foram pais de Antônio Clemente Pinto, o futuro conde de São Clemente, nascido em 1830; Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, o futuro 2.º barão, visconde e conde de Nova Friburgo, nascido a 11 de novembro de 1835 e João, falecido menor.

O Barão faleceu em seu palácio em 1869, acompanhando-o a Baronesa ano seguinte.

PRÉDIOS DA RUADA CATETE 126 A 196 E 179 A 187

Tombados pelo IPHAN para compor a ambiência do Palácio do Catete, representam típicos exemplos de arquitetura particular eclética de meados do século XIX. Serviam para uso residencial; algumas são até hoje utilizadas para o comércio. Apresentam-se com portas no térreo, janelas rasgadas com sacadas corridas ou isoladas, terminando em cima por platibandas decoradas, algumas encimadas por estatuetas ou vasos de estuque. A mais antiga parece ser o grande sobrado de esquina da rua Corrêa Dutra, antigo Carson Hotel, depois loja Renascença e hoje desocupado. Parece que os dois andares inferiores datam de c. 1800.

COLÉGIO SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA – RUADA CATETE, 113 – CATETE

A Ordem dos clérigos Regulares Barnabitas surgiu na Itália, no século XVI, fundada pelo cremonense Santo Antônio Maria Zaccaria. Depois de terem se espalhado por todo o mundo, chegaram ao Brasil, no dia 21 de agosto de 1903. Aqui iniciaram o apostolado evangelizando os sertões de Pernambuco, Bahia e Maranhão. Construíram em Belém do Pará a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, toda revestida de mármores e mosaicos. No Rio de Janeiro, levantaram os santuários de São Paulo Apóstolo, em Copacabana e Nossa Senhora Mãe da Divina Providência, no Catete. Quanto a esta última, funciona como dependência do Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, iniciado em 1909 e cujas atividades principiaram ano seguinte. O Santuário segue o estilo neoromânico Toscano, do século XV/XVI, da época e lugar onde começou a Ordem.

9ª DELEGACIA POLICIAL – RUA PEDRO AMÉRICO, 1 – CATETE

Em 1906, a Prefeitura do Distrito Federal deu início a um amplo programa de modernização e melhoria da imagem da força policial no Rio de Janeiro. A arquitetura também deveria contribuir para essa iniciativa. No antigo Distrito Policial do Catete, projetado por Heitor de Mello em 1908 e considerada a primeira delegacia de polícia especificamente projetada para tal, a referência ao estilo Francisco I é caracterizada pelas porções de alvenaria aparente em contraste com a decoração em argamassa. O aspecto maciço do térreo e as pequenas vigas cilíndricas com seteiras aludem à arquitetura militar.

Recentemente (2.002) passou por uma restauração integral, com recomposição da massa do antigo telhado, que era em ardósia.

O prédio é tombado pelo Estado (INEPAC).

LARGO DO MACHADO - RESUMO HISTÓRICO

No século XVI, os terrenos onde hoje situa-se o Largo do Machado eram alagadiços. Pudera, ali passava o rio Carioca, que descia pela encosta do Corcovado, sendo que, quando chegava na várzea, formava um delta donde partiam vários braços. Um deles margeava o Caá-teé (matofechado, em tupi), rodeando o morro do Uruçu-mirim (Glória), morrendo na praia também dita Uruçu-mirim. Assim sendo, o que é hoje o morro da Glória e parte do Catete eram uma ilha, que em tempos remotos recebeu os cognomes de "Ilha da Carioca" ou "Ilhota".

O Largo era esse delta, ao que consta, pantanosos e cheio de plantas espinhentas, provavelmente, manguezais. Próximo a ele, mais para o morro que depois se chamaria "da Viúva", os portugueses ergueram em 1503 um entreposto para controlar a exploração de pau-brasil. Os tamoiós, sempre desconfiados, apelidaram-no de "Cariocá" (casa de branco), depois estendido ao rio, serra e povo. Essa casa ficava na altura da atual rua Cruz Lima.

Anos depois, em 1555, seria este o local escolhido pelo almirante Nicolau Durand de Villegaignon para levantar sua "Henriville", a mafadada capital da "França Antártica", sonho europeu gorado pela inexperiência francesa no contato com a terra e os ataques lusitanos chefiados por Estácio de Sá em 1565/7. Em 1565 Estácio incluiu o local como terras da cidade.

Seus primeiros moradores, logo em 1567, foram o Provedor da Fazenda Real Cristóvão Monteiro e sua esposa, Da. Marquesa Ferreira. Provavelmente residiam num ponto elevado, com certeza o morro "do Graça", afastado dos pantanais e índios, onde fizeram casa, capela e moinho de cereais. Provavelmente abriram a primeira rua dali, o "Caminho das Laranjeiras", ou "Campo das Laranjeiras", com certeza plantadas pelo casal.

Em 1702 adquiriu grandes porções daqueles chãos o sesmeiro Antônio Vilela Machado, um cinquentão que nesse mesmo ano casar-se-ia com Da. Maria da Conceição, uma menina de 12 anos, e que iria nos anos seguinte parir treze filhos. A lenda imputa o nome "Largo do Machado" por ali ter sido erguido um açougue com enorme machado à porta. Não há nenhum registro histórico de que tal estabelecimento tenha existido em qualquer época. Com grande probabilidade foi o Sr. Antônio Vilela Machado o "padrinho" do logradouro. Pelo menos é o único com registro histórico. Teve também o nome de "Campo das Pitangueiras". Em 1869 batizaram-no de Praça Duque de Caxias, retornando à denominação colonial em 1949.

Por mais cem anos Catete, Flamengo e Laranjeiras foram ocupadas por pequenas chácaras e fazendas, sem perder a aparência rural do primeiro século. Entretanto, em 1810, adquire residência próximo ao Largo a Rainha Da. Carlota Joaquina, na rua das Laranjeiras, mais ou menos onde hoje situam-se as Lojas Americanas. A escolha não foi arbitrária. Em frente era a chácara de seu amante, o açoreano e Comendador José Fernando Carneiro Leão, futuro Presidente do Banco do Brasil e Visconde de Vila Nova de São José. Para se encontrarem, Fernando precisava apenas atravessar o rio Carioca, o que fazia sem dificuldades, pois era raso.

Em 1810, às expensas da Rainha, foi o Largo cordeado, ganhando as dimensões atuais. Em 1821, quando a Família Real deixa o Brasil, era o local já disputado pela nobreza, com belas residências à volta. Próximo a ele, existiam duas pequenas capelas, ambas fundadas por Da. Carlota. Uma no "Caminho Novo de Botafogo", atual rua Marquês de Abrantes, onde igualmente a Rainha possuía uma casa; outra, na rua das Laranjeiras, já citada.

Esta última acabou convertida em Igreja Matriz quando se criou a paróquia da Glória em 1840. Dois anos depois, era iniciada a construção de uma nova e bela igreja matriz em estilo neoclássico, projetada pelo Major de Engenheiros Júlio Frederico Köeler e Charles

Philippe Garçon Rivière, inspirada em St. Martin Church, de Londres, com detalhes tirados da "Madeleine", de Paris. A pedra fundamental foi lançada pelo Imperador a 17 de julho de 1842. Ficou pronta em 1872, sendo a torre projetada pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, inaugurada em 1875. Já em 1912 ganhou os dois batistérios, que lhe roubaram a pureza estilística.

O Largo foi ajardinado em 1869 com figueiras e palmeiras reais pelo paisagista francês Auguste Marie François Glazou, tendo colocado grades em volta e chafariz central, substituído em 1897 pela estátua equestre de Duque de Caxias, obra de Bernardelli, esta por sua vez removida em 1949 para a frente do Palácio Duque de Caxias, no Campo de Santana. Hoje lá está um chafariz de cimento e mármore, encimado pela bicentenária estátua da Virgem da Conceição, esta em mármore italiano, obra valerosíssima de Antônio Canoa, doada à arquidiocese e do Rio pelo Vaticano em 1955.

O lado do Largo que ia em seguimento à rua do Catete foi em grande parte adquirido pelo americano Charles B. Greenough, que ali construiu a primeira estação de bondes da linha pela Zona Sul. A estação da "Botanical Garden Rail Road Company", depois "Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico", foi inaugurada em outubro de 1868 com a presença do Imperador D. Pedro II e ministros. Demolida em 1938, em seu lugar foi erguido um dos mais elegantes cinemas da cidade, o São Luiz, inspirado em casa similar na Broadway nova-iorquina. Pôsto abaixo nos anos setenta pelo Metrô, hoje em seu lugar está o centro comercial São Luiz, com dois cinemas modernos.

Ao seu lado, existiu desde a época do Império o lendário Café Lamas, freqüentado por seleta boemia, casa histórica que nunca fechava suas portas. Hoje, com mais de um século de existência, está na rua Marquês de Abrantes, igualmente sem fechar as 24 horas do dia.

O lado par do Largo foi dominado desde 1870 pela massa sólida de uma das primeiras escolas públicas da cidade, a antiga escola "José de Alencar", erguida em estilo eclético sob projeto de Bethencourt da Silva por ordem do Imperador, com verbas obtidas por doações de particulares para erguimento de uma estátua equestre de D. Pedro II, homenagem recusada pelo modesto monarca, que deu à verba destino melhor, ordenando a ereção de quatro escolas públicas. Ao seu lado residiu o Visconde da Penha.

O lado ímpar era ocupado por belas residências, dentre elas a do Barão de São Francisco, Francisco José Pacheco Filho, bem como uma das casas do riquíssimo comendador português José Batista Martins de Souza Castelões, dono da Confeitaria Castelões, no Centro, uma das mais famosas do Império. No século XX, foi esta casa demolida, subindo no local o prédio art-déco do Cine Politeama, hoje um supermercado.

Depois de passar por extensas transformações devido às obras do Metrô, ressurgiu o Largo do Machado como um grande centro de trocas sociais da Zona Sul, ponto de convergência de vários bairros.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA - LARGO DO MACHADO

A freguesia de Nossa Senhora da Glória foi criada pelo Decreto da Assembleia-Geral no. 13, de 09 de agosto de 1834, e desmembrado na mesma data o seu território da de São José. A igreja Matriz, ereta no Largo do Machado, está sob a invocação da padroeira da paróquia. A Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Glória foi fundada em 26 de janeiro de 1835, aceitando a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres com o Matriz provisória. Esta capela pertencia a Antônio Joaquim Pereira Velasco, na rua das Laranjeiras. Em 04 de abril de 1835 foi comprada pela quantia de 5:187\$686, inclusive despesas de transmissão de propriedade, a capela de Antônio José de Castro, construída em 1720, próxima ao Largo do Machado e reconstruída em 1818, pela Rainha Carlota Joaquina. Nessa capela esteve a Matriz de 1835 a 1837, quando a mesma foi vendida ao Comendador José

Batista Martins de Souza Castelões, que a demoliu e aí construiu uma bela residência (atual Rua das Laranjeiras, no. 09).

O terreno para a nova Matriz foi cedido por Domingos Carvalho de Sá, com frente para o Largo do Machado, entre a rua das Laranjeiras e Gago Coutinho (antiga Carvalho de Sá). Em 18 de julho de 1842 teve lugar a cerimônia da colocação da pedra fundamental da Matriz. O projeto geral do templo, em estilo neoclássico, bastante inspirado da Igreja da Madalena em Paris, foi elaborado pelos arquitetos Júlio Frederico Koeler e Charles Philippe Garçon Rivière.

Em 1844, os alicerces de madeira queimada estavam colocados, e começou-se então a obra pela capela-mór. A 27 de abril de 1851 o projeto foi alterado pela Mesa “para se corrigir os seus defeitos”. Dois anos depois, começava-se a obra da frente da igreja. A capela-mór já deveria estar pronta, pois em 1855, o escultor Honorato Manuel de Lima era contratado para a obra dos estuques artísticos da capela-mór. Deveria existir um primitivo altar-mór, tirado da velha capela, pois este é citado no ano seguinte, quando um irmão anônimo ofereceu a pia batismal e o douramento do nicho da padroeira no altar-mór. Em 12 de junho de 1864, passou a dirigir as obras o arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, que nesse ano orçou o madeiramento do templo e começou a assentar as colunas da fachada. Depois de uma curta interrupção dos trabalhos, as obras recomeçaram em 1865, sem interrupções. Nesse ano, em novembro, cuidavam-se dos capitéis de pedra das colunas da fachada. Em 1866 o templo foi finalmente coberto. Em 26 de maio de 1867, trabalhava-se já na base da torre sineira. Em 11 de agosto seguinte, terminam todas as obras das paredes. Passava-se agora à decoração interna.

Em 18 de novembro de 1868, foi aceita pela Mesa a proposta de Etienne Bernarchut Sobrinho para modificação do côro da igreja. No dia 08 de agosto de 1869 assinou-se contrato com o escultor Manoel Chaves Pinheiro para a execução do painel do arco-cruzeiro. A 22 de agosto do mesmo ano, a Mesa aprovou a maquete da decoração interna, de autoria de Chaves Pinheiro, para as obras do côro, o alargamento da porta principal, a construção de seis janelas na fachada, as obras da abóbada superior; cujo contrato de execução foi entregue ao arrematante Bernarchut Sobrinho. Tudo seria executado com material do país, à exceção do côro, feito com madeiras vindas da França. No mesmo contrato, acertou-se a fatura dos seis altares do templo com Antônio Jacy Monteiro. A 25 de outubro de 1870, Bernarchut Sobrinho arrematou as obras do côro e tribunas. O escultor Antônio do Couto Vale arrematou a cantaria para a cimalha da fachada e empenas. O assentamento das pedras foi arrematado por Bernarchut Sobrinho. No mesmo ano foram colocados os capitéis dos pilares interiores, por Salgueiro & Irmão. Foi comprado pela Mesa na França um lustre de 49 luzes, para a nave-mór e encomendados na Europa pisos, estátuas de mármore para os nichos do arco-cruzeiro e imagens para os altares. Pagou-se o entalhador Antônio Jacy Monteiro pela execução do altar-mór definitivo e dos cinco altares colaterais. Em 03 de setembro de 1871, a Mesa resolveu encomendar na França o emblema em pedra da ordem, para o frontispício, bem como a obra dos púlpitos. Ainda no mesmo ano chegou o lustre de cristal, mas não todas as imagens.

Terminadas as obras do templo, foi ele aberto aos fiéis no dia 28 de setembro de 1872. Só faltava agora terminar a torre sineira e alguns ornatos.

Já em 11 de maio de 1873, Manuel Antônio Lima e Manuel do Couto Valle arremataram a obra de construção da torre e cantaria. José Caetano de Paiva e Joaquim de Oliveira Soares arremataram a alvenaria e o barro da obra. O projeto da torre, foi elaborado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, e foi sujeito a muitas críticas, por destoar do estilo da composição. Em 23 de agosto de 1874, o escultor Blaz Crespo Garcia entregou a balaustrada em mármore da torre e seis estátuas com emblemas para a mesma. No ano seguinte, ela foi inaugurada. O relevo do tímpano da fachada foi executado pelo escultor espanhol Francisco Mutido. Anos depois, em 1912, foram construídos os dois pesados batistérios que laçavam a fachada, delineados por Antônio Januzzi.

A fachada desta igreja, muito elegante, com seu peristilo jônico e o seu campanário central, é um curioso exemplo da influência tardia do "palladianismo" anglo-americano, que se manifestou no Rio na época do Império. Ela se assemelha às fachadas de, por exemplo, Saint-Martin's in the Fields, em Trafalgar Square, Londres, ou a das igrejas paroquiais de Albany (Estado de Nova York), e Milford (Connecticut).

O primeiro vigário que teve a freguesia foi o Padre Joaquim de Melo Castelo Branco. Foi sucedido pelo Cónego Mariano Antônio de Velasco Molina, sob cujo vicariato foi concluído o templo.

O templo é tombado pela Municipalidade.

JÚLIO FREDERICO KOELER - DADOS BIOGRÁFICOS

Engenheiro, arquiteto, urbanista e militar. Nasceu em Mainz, Alemanha, em 1794, vindo ao Brasil em 1817, com a comitiva da Imperatriz Leopoldina. Incorporado ao exército como Major do Corpo de Engenheiros, foi afastado em 1831 após a renúncia de D. Pedro I, mas logo depois foi reintegrado. Era o principal responsável pela manutenção das estradas fluminenses, passando a maior parte do seu tempo a fazer-lhes projetos de melhorias. Como arquiteto, projetou em estilo neoclássico as Câmaras Municipais de Maricá e Macaé, hoje prefeitura em ambas as cidades (1835); Igreja da Glória, no Largo do Machado, projeto em associação com Charles Philippe Garçon Rivière (1842-47); Plano urbanístico de Valença (1833); Fazenda Serraria, em Levy Gasparian (atribuição, demolida); Fazenda Secretário, em Ferreiros, Vassouras (atribuição, 1830); Plano de Petrópolis (1843); Palácio Imperial de Petrópolis (1845-47); Catedral de São Pedro, Petrópolis (demolida, 1847-48). Koeler foi urbanista revolucionário, tendo projetado Petrópolis com um plano orgânico, onde as ruas não se cruzavam ortogonalmente, em vez disso acompanhavam as curvas de nível, tirando partido da paisagem local e topografia acidentada. Preservou áreas verdes e praças para deleite da população e idealizou os rios como atrativos em vez de esgotos. As casas eram em centro de terreno, com jardins à volta. Como arquiteto, era adepto do neoclassicismo, que aplicou com mais elegância que pedantismo.

Faleceu em novembro de 1847, em consequência de um acidente de tiro.

ESCOLA AMARO CAVALCANTI - LARGO DO MACHADO

A antiga Escola Municipal José de Alencar, teve sua pedra fundamental colocada em 29 de dezembro de 1870 e inaugurada em 09 de abril de 1875. A sua construção deveu-se a uma subscrição popular com o fim de erguer uma estátua a D. Pedro II, que recusou a homenagem, preferindo com o dinheiro apurado que se construíssem escolas. Isto foi feito, surgindo as seguintes escolas: a acima referida; outra na Praça da Harmonia; uma terceira na Praça Onze de Junho; e uma última no Largo da Ajuda, onde hoje está o Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia.

O prédio do atual Largo do Machado, projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, com gnais da pedreira da Candelária e acabamentos nobres, depois de servir de abrigo a várias instituições de ensino, é atualmente ocupado pela Escola Amaro Cavalcanti, que para ali se transferiu em março de 1949. Durante muitos anos, ali também funcionou a Faculdade de Ciências Econômicas do Distrito Federal, ali estabelecida de 1958 a 1969.

O prédio é tombado pela Municipalidade.

FRANCISCO JOAQUIM BETHENCOURT DA SILVA - DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, urbanista e professor, nasceu à bordo do navio Novo Comerciante, a 08 de maio de 1831, em pleno oceano, de pais portugueses. Em 1843 matriculou-se na Academia Imperial de Belas Artes, tendo sido aluno de Grandjean de Montigny. Em 1851 foi escolhido

em concurso público para o cargo de arquiteto da Câmara Municipal, tendo sido nomeado ano seguinte, ali permanecendo até 1859. Neste período, construiu, dentre muitas obras hoje demolidas: uma coluna e chafariz no Largo Municipal, no Valongo, inaugurados em 1872; arruamento e loteamento dos terrenos da Cidade Nova, do Campo de Santana até São Cristóvão; alargamento da rua do Cano, cujo nome foi mudado para Sete de Setembro (1856-57); Cemitério de São João Batista, Pórtico e Capela, em Botafogo (1854); Colégio D. Pedro II, no Centro (1858); e outros.

Sentindo a carência de mão de obra especializada para as obras de categoria da cidade, fundou em 1856 a Sociedade Propagadora das Belas Artes e, em 1858, o Liceu de Artes e Ofícios, dos quais ambos foi diretor e professor até a morte, formando centenas de profissionais em artes menores necessários às muitas obras que realizava. Dentre elas, merece-se citar: Caixa Econômica, na rua Dom Manuel, Centro (1861); Escola Pública no Largo do Machado, hoje Escola Amaro Cavalcanti (1871); Igreja de São João Batista, na rua Voluntários da Pátria (1871-77); Projeto do Bairro de Vila Isabel (1871-72); Torre da Igreja da Glória, no Largo do Machado (1872-1875); Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamim Constant, na Urca (1872-1908); Asilo de Órfãos da Santa Casa, hoje Colégio Anglo Americano, na rua General Severiano, em Botafogo (1875); Asilo da Mendicidade, hoje Hospital São Francisco de Assis, na Cidade Nova (1876-77); torres da Igreja do Santíssimo Sacramento, na av. Passos (1877); Praça do Comércio, hoje Centro Cultural do Banco do Brasil (1878-1906); Adaptação do Palácio de São Cristóvão para sediar a Assembléia Constituinte (1890-91); Prédio novo do Liceu de Artes e Ofícios, na av. Central, hoje demolido (1903-10); e muitas residências e prédios menores, espalhados pelos quatro cantos da cidade. Trabalhou muito para a Santa Casa de Misericórdia. Foi, talvez, o primeiro a admirar o Marxismo no Brasil. Seus projetos, de um refinado neoclássico, abriram caminho para a penetração do ecletismo na arquitetura brasileira.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 06 de setembro de 1911.

PRAÇA JOSÉ DE ALENCAR - CATETE/FLAMENGO

A Praça José de Alencar era, no século XVI, um dos deltas do Rio Carioca. Esse rio nasce nas faldas do pico do Corcovado, no final da rua Almirante Alexandrino, no Silvestre, num local ainda hoje chamado de "Mãe d'água", que é a tradução literal do indígena "Iara". Próximo existe uma caixa d'água da CEDAE inaugurada em 1911.

O rio desce a encosta do Corcovado, passa pela Ladeira dos Guararapes, cortando a casa do jornalista Roberto Marinho, corta o Largo do Boticário, na rua Cosme Velho ainda à céu aberto, passa assim pelo ponto terminal dos ônibus do Cosme Velho, descendo já canalizado pelas ruas Cosme Velho, Laranjeiras, assim atingindo o Largo do Machado, que no século XVI era uma lagoa rodeada de plantas espinhosas, e assim foi até 1810, quando foi saneado e cordeado por ordem de D. Carlota Joaquina, que possuía casa na rua das Laranjeiras (ela possuía outra em Botafogo).

Dali partia-se em vários braços, todos hoje canalizados. Um deles cortava todo o Catete, rodeava o Morro da Glória e ia desaguar onde existiu a praia da Glória, mais ou menos onde hoje está o Monumento à Cabral, inaugurado em 1900. Ao lado desse braço, surgiu ainda em época quinhentista um caminho sinuoso que acompanhava o riacho, origem da rua do Catete (Catete vem do tupi "mato fechado").

Outro braço do Carioca descia por onde hoje é o início da rua do Catete até a Praça José de Alencar, que era seu delta. Dali partiam mais dois braços. Um desembocava na Praia do Flamengo, onde hoje existe a rua Cruz Lima (que foi o alfaiate de D. Pedro II), e onde em 1503 a rota de Américo Vesúcio construiu uma feitoria para que ali morasse o feitor João de Braga, incumbido de impedir o roubo de pau-brasil. Os índios chamavam essa casa de "carioca" ("Casa de Branco"), daí se originando nosso patronímico. A dita casa seria mais ou

menos na esquina de Cruz Lima com a Praia, onde hoje está um moderno edifício de apartamentos.

Um outro braço saía do delta e ia em direção à Praia de Botafogo, tendo originado a sinuosa rua Senador Vergueiro, cujas origens são quinhentistas. Era conhecido por "Caminho Velho", já que em 1798 foi aberto o "Caminho Novo", atual rua Marquês de Abrantes. A Rainha Carlota Joaquina morou no "Caminho Novo" de 1810 a 1821.

Em 1575 o Governador Antônio de Salema ergueu nesse delta a primeira ponte do Rio de Janeiro, com pedágio, pagando brancos um preço, burros, cavalos e escravos outro. Durante três séculos esse delta ganhou o nome de "Largo da Ponte de Salema". Essa ponte existiu até cerca de 1866, quando foi demolida e o rio finalmente canalizado para que pelo local passasse a primeira linha de bondes da zona sul, a da "Botanical Garden Rail Road Company", organizada pelo engenheiro americano Charles B. Greenough, cujo primeiro trecho, ligando a rua Gonçalves Dias ao Largo do Machado foi inaugurado em outubro de 1868.

No ano de 1872, foi inaugurado, na esquina da rua Conde de Baependi o "Templo Metodista", o primeiro da América Latina, projetado pelo Comendador Antônio Januzzi, e ainda existente, devidamente tombado, no mesmo local.

Em 1875 foi inaugurado no então "Largo da Ponte de Salema" o "Hotel dos Estrangeiros", de notável fama no Rio Imperial, e onde foi assassinado em 1915 o poderoso político gaúcho Senador e General José Gomes Pinheiro Machado, então visitando um amigo. Cravou-lhe uma faca nas costas o assassino Manso de Paiva, que morreu na prisão sem revelar os mandantes do crime, com certeza político, haja vista Pinheiro Machado controlar o então fracô Presidente Marechal Hermes da Fonseca. Hoje, no local do "Hotel dos Estrangeiros" está desde 1964 um enorme e feio prédio de apartamentos, que abrange quase toda a rua Barão do Flamengo.

A estátua em bronze do escritor romântico cearense José Martiniano de Alencar foi inaugurada em 1897, obra em bronze de Rodolfo Bernardelli. Durante muitíssimos anos era comum o trote aplicado aos calouros da Faculdade Livre de Direito que existiu na Praça São Salvador o de "engraxar" o sapato do escritor, tradição que se manteve de 1897 até 1927. O Presidente Washington Luís transferiu em 1927 a Faculdade para o prédio do Largo do CACO (Centro Acadêmico Cândido de Oliveira), no Campo de Sant'Ana esquina de rua Moncorvo Filho, onde está até hoje.

No ano de 1871 os bondes puxados à burro chegaram ao Jardim Botânico, dois anos depois chegariam ao Largo das Três vendas (hoje Praça Santos Dumont, no Jockey), indo em 1874 até onde hoje está a PUC. No ano de 1887 foram feitas as primeiras experiências com bondes elétricos movidos por acumuladores existentes nos próprios veículos. A novidade não deu certo. Em 1892 foi inaugurada a usina termo-elétrica da Rua Dois de Dezembro (onde hoje está o Instituto de Arquitetos do Brasil), aposentando-se assim os burricos, substituídos pela tração elétrica, coisa que foi estendida à toda a linha até 1896. Os bondes foram extintos em 1963 pelo Governador Carlos Lacerda.

De 1994 para cá passou a Praça José de Alencar por grandes obras do Projeto "Rio Cidade", durante a gestão do Prefeito César Maia, que alteraram completamente sua feição, quando então acrescentaram o piso em paralelepípedos, o chafariz, um playground e a "girafa pós-moderna".

MONUMENTO A JOSÉ DE ALENCAR - PRAÇA JOSÉ DE ALENCAR

Esta escultura sedeste em bronze, com sapata em gnaiss fcooidal, do grande romancista brasileiro foi a quarta estátua pública erguida na cidade. É de autoria de Rodolfo Bernardelli, e foi inaugurada a 1º. de maio de 1897. Por conta de diversas obras, igualmente já

mudou de lugar, ao menos, duas vezes. Nas décadas de vinte e trinta, existia a Faculdade Livre de Direito nas proximidades.

Era o trote mais comum aplicado pelos alunos veteranos obrigarem os calouros a "polir" como engraxates o sapato da estátua do romancista.

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR – DADOS BIOGRÁFICOS

Jornalista, crítico, romancista, teatrólogo, poeta, político. Nasceu em Macejona, Ceará, a 1.º de maio de 1829. Filho de José de Alencar, padre, político e orador sacro, e de Da. Ana J. Alencar. Neto paterno de Bárbara de Alencar, heroína da Revolução de 1817. Passou a infância no Ceará, na Bahia e no Rio de Janeiro, onde completou seus estudos primários. Formou-se em 1846 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Fixou residência no Rio de Janeiro em 1851. Foi professor de Direito no Instituto Comercial e consultor dos Negócios da Justiça. Em 1854, colaborou no Correio Mercantil e, em seguida, no Diário do Rio de Janeiro, do qual se tornou diretor (1856/9). Deputado Geral pelo Ceará, em quatro sucessivas legislaturas, de 1861 a 1877. Foi Ministro da Justiça (1868/70), membro titular do Conselho Imperial e Patrono da cadeira no. 23, da Academia Brasileira de Letras, instituição fundada após sua morte. É a figura mais representativa da ficção romântica brasileira, do indianismo nacionalista e popular.

Suas obras principais são as seguintes: ensaios políticos: Cartas políticas a Erasmo (1865/7); O Juízo de Deus e a Visão de Jó (1867); O Marquês de Caxias (1867). Obras jurídicas: A Constituinte perante a História (1857); Questão Testamentária (1871); A Propriedade (publicação póstuma, 1882); e Esboços Jurídicos (idem, 1883). Peças de Teatro: Verso e Reverso e O Demônio Familiar (comédias, 1857); e os dramas: As Asas de um Anjo (1858); Mãe (1860); A Expição (1867); e O Jesuíta (1873). Romances: O Gaúcho, e a Pata da Gazela (ambos de 1870); O Tronco do Ipê (1871); A Guerra dos Mascates (1871/3); Sonhos d'Ouro (1872); Til (1872); As Minas de Prata (1873); Ubirajara, e O Guarani (ambas de 1874); Senhora, e O Sertanejo (ambas de 1875).

Várias obras de José de Alencar têm sido transpostas para o cinema brasileiro e telenovelas, tais como: Iracema, Ubirajara, O Gaúcho, Senhora, etc. Seu libreto O Guarani foi convertido em majestosa ópera por Carlos Gomes.

Seu amigo, Machado de Assis, o tomou personagem de alguns de seus romances, como Dom Casmurro (1900).

José de Alencar morreu no Rio de Janeiro, a 12 de dezembro de 1877 e hoje seus restos mortais, bem como os de sua esposa, repousam no mausoléu dos Imortais da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista.

INSTITUTO METODISTA BENNETT – RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55 – FLAMENGO

O imponente prédio em sobrado, no estilo neoclássico e em centro de terreno, e que atualmente abriga parte das instalações do Instituto Metodista Bennett possui uma rica história. Foi construído em c. 1883 para servir de residência ao Sr. Antônio Clemente Pinto, 2.º Barão de São Clemente (1860-1912). Após grave crise financeira, o 2.º Barão de São Clemente vendeu o prédio, necessitando de reformas, ao afamado médico Dr. Miguel Couto, que o adquiriu em 1905 por 120 contos de réis. Dr. Miguel Couto o redecorou, tendo contratado para isso o arquiteto Frederick Anton Staedel, que o pintou internamente com afrescos ilusionistas. O mobiliário, parte adquirido em leilões, era em estilos Luís XV e XVI.

Em 1919, um grupo de americanos entrou em negociações com o Dr. Miguel Couto para adquirir a casa e convertê-la em colégio, mas ele se recusou, dizendo que só a venderia se pagassem 400 contos de réis. Para surpresa geral, dias depois o preço foi aceito e a casa vendida. Após algumas obras de adaptação, nele se instalou em 1920 o Instituto Metodista Bennett.

A educação metodista tem uma tradição de mais de 250 anos, iniciada em 1748 por John Wesley, patriarca do Metodismo, com a fundação da Kingswood School, em Bath, na Inglaterra. No Brasil, as primeiras atividades começaram em 1881, mas a primeira escola, denominada Escola do Alto, só foi fundada em 1888, em Laranjeiras, por um grupo de mulheres da Missão Estrangeira, da Igreja Metodista dos Estados Unidos. O Instituto levou o nome daquela cuja iniciativa e esforços foram primordiais para o estabelecimento e compra da propriedade do casarão no Rio de Janeiro, Miss Belle H. Bennett.

Com o crescimento das atividades, o Instituto Metodista Bennett foi expandindo seus espaços pelos jardins da antiga mansão. Em 1926, foi erguido o edifício Eliza Perkinson, em estilo neocolonial Missões Californianas. Na década de 40, foram construídos os edifícios Erasmo Braga e Clara Perry, e, em 1952, o Eva Louise Hyde. De 1971 a 1980, passam a fazer parte do campus da Instituição os prédios Layona Glenn, John Wesley e Heloisa Marinho. Atualmente, o Bennett oferece um ensino que atende a Creche, Colégio e Faculdade, Pós-graduação, Mestrado e cursos para a terceira idade.

O prédio Barão de São Clemente, bem como os gradis, são tombados pela Municipalidade desde 2.003.

2º. BARÃO DE SÃO CLEMENTE – DADOS BIOGRÁFICOS

Antônio Clemente Pinto nasceu no Rio de Janeiro em 1860, filho dos Viscondes de São Clemente, que eram, respectivamente, Antônio Clemente Pinto, filho dos Barões de Nova Friburgo, e Da. Maria José Rodrigues Fernandes Chaves, filha dos Barões de Quaraim. Casou-se em 1883 com Da. Georgina Darrigue Faro, filha dos Barões do Rio Bonito. Frequentou as Escolas de Direito de Recife e de São Paulo, assumindo a direção das fazendas de seu velho pai, o Conde de São Clemente, cujas propriedades haviam sido separadas das do seu tio, o Conde de Nova Friburgo, por haver este casado em 1880, aos 45 anos, com a viúva senhora Ambrosina Campbell, filha do Barão de Mamoré, o qual foi o tronco da família Leitão da Cunha, do Pará.

Elevado pelo Imperador D. Pedro II a 2º. Barão de São Clemente, por Decreto Imperial de 10 de agosto de 1889. Ganhou o título por ter libertado todos os escravos que possuía antes da promulgação da Lei Áurea. Após a Proclamação da República, enfrentou grave crise financeira, o que o fez desfazer-se de quase todos os bens que possuía.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1912.

DR. MIGUEL COUTO – DADOS BIOGRÁFICOS

Médico, nasceu no Rio de Janeiro em 1865. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, escola da qual foi professor. Em 1933, elegeu-se deputado à Assembleia Constituinte. Era membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras.

Obras: A Gangrena Gasosa Fulminante; Lições de Clínica Médica, etc.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1934 e jaz sepultado no Cemitério São João Batista. Quando faleceu, a Rua dos Ourives, onde possuía consultório, passou a se denominar Rua Miguel Couto.

CENTRO CULTURAL DO SESC/SENAC – RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 99 – FLAMENGO

O novo centro cultural do SESC e SENAC, situado no bairro do Flamengo, está instalado desde 2.003 na residência eclética de um dos pioneiros da indústria fonográfica brasileira: Frederico Figner.

Este imigrante tcheco chegou ao Brasil em 1891, estabelecendo-se em Belém do Pará. Aventureiro e excelente negociante, ganhava a vida como mágico profissional, onde

apresentava novidades ligadas às recentes invenções de som e imagem que, graças à tecnologia, foram se incorporando aos lares e democratizando seu alcance. Dentre estas invenções, estavam os primeiros projetores de filmes e slides, fonógrafos e gravadores. Nove anos depois, já no Rio de Janeiro, fundou a Casa Edison, na Rua do Ouvidor e em 1902 passou a comercializar discos prensados pela empresa Gramophone. Figner montou então o primeiro estúdio de gravação do país, onde gravava músicas e discursos. Na mesma ocasião, começa a gravar música popular, sendo que o primeiro samba gravado em nosso país o foi pela sua empresa. Em 1912, Figner monta a Odeon, a primeira fábrica brasileira de discos, dando continuidade a seu bem sucedido projeto fonográfico, talvez sua maior contribuição à história cultural do Brasil.

Como judeu, Figner estava bem integrado dentro do sincretismo religioso brasileiro, sendo também espírita kardecista praticante. De uma certa forma, podemos dizer que seu ecletismo religioso se refletiu igualmente na mistura de estilos da casa.

A residência de Figner foi projetada em 1911 por Gustavo Adolphsson e construída no ano seguinte por Cláudio Seichal Bicalho. Essa construção é um dos casos onde mais se manifesta a mistura de referências estilísticas. A ornamentação das janelas do torreão e da varanda frontal é oriental. A cobertura metálica do torreão evoca a arquitetura tardo-bizantina dos Bálcãs e Rússia. No chanfro entre o cilindro e o corpo central a decoração lembra o estilo Luís XVI. Na lateral e nos fundos há um avarendado metálico do tipo chalé e ainda uma escadaria externa de desenvolvimento circular de sugestão barroca.

Após a morte de Figner, a casa continuou como residência de sua família até que a última herdeira, a historiadora Rachel Esther Figner Sisson a vendeu para o SESC. Passou então por total restauração e adaptação, sendo erguido nos fundos um prédio moderno para escritórios, salas de aulas, palestras e oficinas. No térreo do palacete foi instalado um bistrô, administrado pelo SENAC, ficando o andar nobre destinado a exposições periódicas.

O palacete é tombado pela Municipalidade.

BAIRROS DE LARANJEIRAS E COSME VELHO

Os Bairros de Laranjeiras e do Cosme Velho, se desenvolviam às margens do Rio Carioca, desde 1567, quando as terras da região foram doadas em sesmaria aos membros da família paulista do patriarca Cristóvão Monteiro, que abriram roças, edificaram casas e até um moinho de vento para beneficiamento dos cereais colhidos em suas plantações. No século XVII teve início a captação das águas do Rio para abastecimento da cidade e no século XX, o Rio foi coberto, restando dele alguns trechos a céu aberto, como podemos ver no Largo do Boticário. A importância do Rio Carioca foi fundamental, como fonte abastecedora de água potável para o Rio de Janeiro.

Aos poucos foram surgindo na região chácaras rústicas e luxuosas ocupadas por fidalgos e homens ricos e movidas a trabalho escravo. Mas foi em 1880 que a região sofreu grande transformação com a Companhia de Fiação e Tecidos Aliança se instalando na Rua General Glicério, fazendo surgir os primeiros comerciantes. A Fábrica funcionou até 1938 e fez aparecer no Bairro as primeiras vilas operárias. Os bondes elétricos foram instalados pela Companhia Jardim Botânico e iam até ao local conhecido como a Bica da Rainha no Cosme Velho, tinha este nome porque era freqüentada pela Rainha D. Maria I e sua nora D. Carlota Joaquina. Quando a Fábrica foi fechada, seus operários foram procurar trabalho nos subúrbios e a região começou a elitizar-se. Mesmo tendo se transformado em uma área de passagem, com a abertura do Túnel Rebouças, em 1965, o Cosme Velho ainda resiste à urbanização, o Bairro de Laranjeiras, no entanto se transformou em um importante elo de ligação entre a Zona Norte e Sul, com a abertura do Túnel Santa Bárbara, em 1961, mas o Bairro ainda apresenta uma elitização e uma visível divisão social.

O Cosme Velho e Laranjeiras ainda guardam o charme dos Bairros marcados pelo passado, que foi endereço de condes, escritores, compositores e muitas pessoas ilustres, como: Machado de Assis, Villa-Lobos, Oscar Niemeyer, cujo avô, que foi Ministro do Supremo Tribunal Federal, deu nome a uma Rua do Bairro, a hoje denominada Rua Ribeiro de Almeida. A região possui muitos colégios tradicionais e é a sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro, no Palácio Guanabara.

SOLAR DOS ABACAXIS – RUA COSME VELHO, 857 – COSME VELHO

Grande sobrado em estilo neoclássico, com esmerado acabamento, estuques trabalhados e serralheria artística. Foi construído em 1843 pelo arquiteto José Maria Jacinto Rebello e. cortá-se, era sua residência familiar. O apelido de “Solar dos Abacaxis” se deve aos elementos decorativos em ferro da fachada, em forma de abacaxis, muito comuns naquela época. A casa foi residência, por muitos anos, do casal Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, e de seu marido, Marcos Carneiro de Mendonça. Ela, famosa poetisa e escritora, fundadora da Casa do Estudante Universitário. Ele, famoso desportista, goleiro do Fluminense, depois Presidente do Clube e reconhecido historiador, autor de diversas publicações sobre a história colonial, em especial, a da Região Amazônica. Da Ana Amélia faleceu em 1971. Marcos a acompanhou quinze anos depois. Enquanto viveu, não tirou o luto pela morte da esposa. A casa foi recentemente vendida pelos herdeiros.

O Solar dos Abacaxis é tombado pela Municipalidade.

CASA DE EUGÊNIO GUDIN – RUA COSME VELHO, 829 – COSME VELHO

Casa de sobrado erguido em meados do século XIX, local onde nasceu, em 1886, o economista Eugênio Gudin (1886-1986), engenheiro civil e considerado fundador dos estudos econômicos no Brasil. Foi Ministro da Fazenda no último governo Getúlio Vargas. Quando o dito economista completou um século de existência, seus admiradores afixaram uma placa na fachada alusiva ao seu centenário. A casa em si foi muito reconstruída, tendo funcionado por anos como uma carvoaria. Restaurada nos anos 60, passou a ter uma fachada neoclássica.

A casa é tombada pela Municipalidade.

LARGO DO BOTICÁRIO – RUA COSME VELHO, ALTURA DO NO. 822 – COSME VELHO

O tradicional bairro do Cosme Velho deve essa denominação a um de seus primeiros moradores setecentistas, o comerciante da rua Direita Cosme Velho Pereira. Sua chácara era banhada pelo rio Carioca e o acesso a ela era por um caminho que depois tomou o nome do proprietário. Após sua morte, em princípios do século XIX, vários elementos da nobreza a retalharam, formando o conhecido bairro do Cosme Velho.

Nos fundos da chácara do Barão da Glória, residia o sargento-mór da Colônia, Joaquim José da Silva Souto, militar reformado e que, nas horas vagas, granjeava a fama de boticário por ser conhecedor e preparador de unguentos e xaropes.

Em 1879, o Largo passa a existir oficialmente, sendo desmembrado da rua Cosme Velho. Eram oito as casas existentes, sendo cinco térreas, duas assobradadas e uma com três níveis. Já pela virada do século, essas casas haviam sido substituídas por outras em estilo indefinido ou eclético, nada mais restando da época colonial. Entretanto, hoje o Largo do Boticário tornou-se um dos mais bucólicos e belos logradouros do Rio de Janeiro. A história dessa incrível metamorfose merece ser contada.

Em meados da década de vinte, o Largo do Boticário ficou dividido entre dois proprietários. Um era o Dr. Paulo Bittencourt, empresário, dono de um jornal e fino amante das artes. Era dono das casas de no. 20 a 28. As duas últimas (a 30 e 36), pertenciam ao artista e colecionador de antiguidades Rodolfo Gonçalves de Siqueira, conhecido com o Rudy, morador

(na casa 36) de um pseudo-chalé suíço do princípio do século. Foi Rudy quem iniciou a reconstrução de suas casas no chamado estilo neocolonial, um pastiche estilístico que pretendia reproduzir a forma de nossa arquitetura colonial autêntica, em pleno século XX. Arquiteto sem diploma mas dotado de senso e gosto apurados, ele projetou a reforma de suas casas sobre um pequeno cartão de visita de poucos centímetros. Dessa inusitada planta resultou uma das mais belas casas do Rio de Janeiro. Sua casa foi reconstruída com materiais originais antigos, salvos de demolições: pórticos em granito (tirados do morro da Viúva e da Pedreira da Candelária), portas vindas de igrejas baianas, e o portão principal, que veio da Espanha. Os quartos possuem tetos finamente artesoados em madeira. Os azulejos são raríssimos, datando ainda do reinado de D. Maria I. Móveis antigos, alguns com mais de três séculos, decoram as salas e até as pedras capistranas da rampa de acesso vieram do calçamento da rua dos Ciganos, atual Constituição. Outras vieram da rua Gonçalves Ledo. Só o hall e a belíssima escadaria de mármore italiano foram projetados por um arquiteto: Lúcio Costa, num de seus primeiros projetos. O resultado final, mais museu do que casa, impressionou a crítica da época. Foi nesta casa que se fez a recepção ao Príncipe de Gales, futuro Rei Eduardo VIII da Inglaterra, que renunciou ao trono para casar com Lady Sympson, a Duquesa de Windsor.

Após a morte de Rudy, a casa passou às mãos da simpática Da. Magú Leão, que a preservou carinhosamente nos mais de quarenta anos que nela residiu. Atualmente pertence a outro amante das artes.

A casa no. 30, ao lado da 36, também é obra de Rudy. Era seu atelier, mas como arquitetura, é bem inferior em concepção. Ele pretendia incorporá-la à sua residência, não o podendo devido a protestos de vizinhos, receosos de que Rudy incorporasse também parte do próprio Largo do Boticário ao terreno da sua casa.

Rudy fez carreira como o arquiteto de fim-de-semana, tendo construído diversas residências, dentre as quais uma em Santa Teresa e outra na rua São João Batista, em Botafogo. Reformou a Fazenda Columbandê, em São Gonçalo. Tudo dentro de um refinado neocolonial.

Por sua instigação, o Prefeito Antônio Prado Júnior mandou, no final dos anos vinte, substituir o calçamento do Largo, em pé-de-moleque, pelas atuais lajes de pedra e refazer o chafariz central, hoje monumento ao Largo.

Por volta de 1934, o outro dono do Largo, Dr. Paulo Bittencourt, contratou o arquiteto Lúcio Costa para reconstruir as casas de no. 20 e 22 para sua própria moradia. Lúcio Costa também se utilizou dos critérios de Rudy Siqueira, tendo se servido de materiais de construção antigos, rescaldados de demolições. Lúcio refez as casas, tornando-as uma grande mansão. Foi também ornada com móveis antigos. Durante a obra, houve desentendimentos entre Lúcio Costa e o proprietário, passando a direção das obras ao arquiteto Carlos Leão. Depois de novo desentendimento, a casa acabou sendo terminada pela própria esposa do proprietário, Da. Sylvia de Bittencourt, outra arquiteta de fim-de-semana, daí apenas assessorada pelo seu mestre-de-obras, o Sr. Silva. A casa foi tristemente descaracterizada por uma infeliz reforma em 1974, mas ainda é muito bonita.

À partir de 1937, o prefeito Dodsworth cuidou para que as características do Largo fossem mantidas. Da Sylvia e Mestre Silva aproveitaram-se então para reconstruir as outras casas do Largo dentro do estilo neocolonial, que passaram a ser alugadas a famílias de posses. Por volta de 1945, o Largo já se encontrava todo reconstruído, dentro da bela paisagem que chegou até nós.

Outra casa importante é a de no. 857, da rua Cosme Velho, magnífico palacete neoclássico erguido em 1846 pelo arquiteto José Maria Jacinto Rebêlo. Foi residência de Ana Amélia e Marcos Carneiro de Mendonça, ela, emérita poetisa, fundadora da Casa do Estudante. É, grande goleiro do Fluminense e respeitado historiador. É a única casa

verdadeiramente histórica e plasticamente importante das redondezas, mas já houve quem pensasse em demdi-la para construir um posto de gasolina.

Por incrível que pareça, felizmente, a tradição venceu.

RESIDÊNCIA KLABIN – RUACOSME VELHO, 778 – COSME VELHO

Grande casarão senhorial em estilo neoclássico, e que já existia em 1865, pois aparece numa pintura datada desse ano feita pelo artista Carlos Linde. Em 1879 era seu proprietário o português Manoel Ventura Teixeira Pinto. Há mais de trinta anos é residência da tradicional família Klabin.

A casa é tombada pela Municipalidade.

MORRO DO INGLÊS – COSME VELHO

Situado no bairro do Cosme Velho, com acesso por esta rua, fica entre a Estrada de Ferro do Corcovado e a Ladeira dos Guararapes. Teve esse nome, porque em princípios do século XIX moraram nele, os ingleses Henry Chamberlain, Cônsul britânico; George Britain e Willian Young, também diplomatas de Sua Majestade. A artista inglesa Maria Graham deixou-nos bonitos desenhos do Cosme Velho tirados de lá. Era também conhecido como “Morro do Pindurassaia”, porque suas moradoras, antigas lavadeiras, punham as roupas para secar em arames visíveis da parte baixa do morro e dando ao mesmo tempo um aspecto pitoresco.

Uma das subidas desse morro, é pela Ladeira do Ascurra, hoje uma rua de belas residências e que teve anteriormente, o nome de “Rua Pindurassaia”.

Num trecho dessa ladeira existe um antigo reservatório d'água, todo construído em pedra no ano de 1870, em forma de castelo, o que tem suscitado inúmeras lendas. No logradouro vizinho, a Ladeira do Cerro Corá, surgiu, nos anos 60, uma grande favela, assim como na dos Guararapes. Nesta última, morou numa bela mansão por muitos anos até sua morte, o empresário das comunicações Dr. Roberto Marinho.

Sobre este cavaleiro, cortam-se algumas histórias interessantes.

Em 1964, estavam a todo o vapor as obras do vizinho túnel Rebouças, o qual era a “menina dos olhos” do Governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda. Quando este soube que um dos dois túneis passaria por um terreno do Dr. Roberto Marinho, seu inimigo pessoal, e que isso forçaria o estado a lhe pagar alguma indenização, o Governador mandou parar as obras e, em sua gestão, só inaugurou uma parte do túnel que passava fora das ditas propriedades.

Em meados de 1968, logo após o túnel Rebouças ser definitivamente inaugurado pelo novo Governador Negrão de Lima, o Dr. Roberto Marinho solicitou ao ditto governador, este sim seu amigo pessoal, que se construísse uma passarela de saída de veículos do túnel para a Rua Cosme Velho, e um outro caminho em sentido contrário. Justificava essa solicitação, com a interessante alegação de que em outubro daquele ano, a Rainha da Inglaterra Elizabeth II visitaria o Rio de Janeiro e ele havia programado um jantar para sua majestade em sua mansão. Com esse novo acesso, argumentava que ficaria bem mais confortável e seguro para a comitiva real passar, de onde se hospedaria, na então Embaixada Britânica, na Rua São Clemente, em Botafogo, até ao Cosme Velho, evitando-se assim a tumultuada Rua das Laranjeiras.

O incrível é que a proposta foi aceita e as passarelas construídas. Verdade seja dita, eram a título precário, prevendo-se sua demolição posterior.

O jantar foi realmente realizado e as passarelas não foram demolidas, o que, com o aumento do tráfego, acabou transformando os bairros de Laranjeiras e Cosme Velho em corredores de tráfego.

CASA DE AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE – RUACOSME VELHO, 599 – COSME VELHO

Casarão térreo em estilo neoclássico, erguido por volta de 1870, e que foi residência por muitos anos de Belamino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, escritor e jornalista (1898-1993). Representou o Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948. Foi um dos signatários da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 10 de dezembro de 1948. Austregésilo de Athayde presidiu a Academia Brasileira de Letras, de 1959 até seu falecimento, em 1993.

A casa é tombada pela Municipalidade.

MUSEU INTERNACIONAL DE ARTE NAÍF DO BRASIL - RUA COSME VELHO, 561 – COSME VELHO

Mantido pela Fundação Lucien Finkelstein, o MIAN está instalado num casarão edificado da segunda metade do século XIX, onde foi o atelier do pintor Eliseu Visconti. É o mais completo acervo de arte naif do mundo, possuindo 8.000 obras de artistas do Brasil e de outros 130 países, abrangendo um período que vai do século X ao XX. Abriga as duas maiores pinturas de arte naif do mundo e tem participado de diversas exposições internacionais.

O Museu é tombado pela Municipalidade.

CRISTO DO RIO – ALTO DO CORCOVADO

Há aproximadamente dois mil anos nascia num vilarejo poeirento do oriente médio aquele destinado a redimir os pecados do mundo. Era filho não da nobreza, mas de um modesto carpinteiro e de uma simples mulher, aliás, tão humilde que apenas denominava-se Maria (mulher, em aramaico). Viveu pouco aqui na terra, só 33 anos, mas suas palavras perduraram até hoje e, pelo que se vê, irão muito mais além.

Mil e quinhentos anos depois, quando se descobriu o Brasil, foram elas as primeiras que os índios escutaram e o símbolo da cruz o primeiro que conheceram. Ano seguinte, quando Américo Vespúcio entrou na Baía de Guanabara, junto com a frota de Gonçalo Coelho, procurou o cartógrafo florentino um marco que identificasse bem a região nos mapas. Desdenhou o Pão de Açúcar (que só seria batizado com o nome atual sessenta anos depois) e escolheu um elegante e altaneiro pico, o qual denominou “Pináculo da Tentação”. Américo considerava que tanta beleza à sua volta igualava-o ao bíblico morro onde o diabo tentou o Salvador por mais de um mês, expondo-lhe de forma escandalosa os prazeres do mundo.

O nome não pegou e os portugueses preferiram chamá-lo de Corcovado, haja vista a corcovada trasqueira que possuía e que escapou aos olhares do arguto italiano. O morro presenciaria o surgimento de uma nova cidade, no meio de uma guerra que quase a destruiu. Com o tempo, o mesmo burgo expandir-se-ia por suas faldas, seria depois elevada à Capital do Brasil, tendo, por ironia, seu primeiro alpinista quem nos guindou à condição de nação independente.

Quando ninguém mais lembrava-se da ideia de Américo Vespúcio, ergueram-lhe no topo a estátua do Redentor, numa impressionante mostra de predestinação histórica e divina, daquelas que nenhum novelista atreveria imaginar. Essa história está para completar setenta anos e já nos foi contada outras vezes. Mas se até o Sagrado Evangelho foi alvo de quatro versões, não poucas terá a do nosso Cristo.

ESTÁTU A DO CRISTO REDENTOR - ALTO DO CORCOVADO

O primeiro morro do Rio de Janeiro a receber um nome cristão foi o que hoje conhecemos como Corcovado. Ele se chamou originalmente “Pináculo da Tentação”, e quem assim o batizou, foi, com toda certeza, o cartógrafo florentino Américo Vespúcio ainda na viagem de reconhecimento em 1502, pois é de um mapa desta data sua primeira menção. Pináculo da Tentação é uma alegoria do Novo Testamento. Foi o pináculo onde o Demônio

conduziu Cristo, tentando-o com os pecados do mundo. O nome não pegou, sendo o morro depois rebatizado pelos portugueses para o topônimo atual devido à corcova posterior que possui.

Coincidência ou não, na metade do século XIX o padre francês salesiano Pierre Marie Bos, em viagem ao Brasil, sugeriu em seu diário que o Corcovado seria o pedestal perfeito para a estátua do Filho de Deus. Nessa época, o acesso ao alto do morro já era conhecido. Desde 1822, o Príncipe D. Pedro o escalara, deixando seu monograma numa árvore. Muitos outros o fizeram depois, até que em 1882, os engenheiros Pereira Passos e Teixeira Soares conseguiram a concessão para construir um ramal ferroviário do Cosme Velho ao alto do Corcovado, sob o sistema Riggensbach, com cremalheira dentada sobre um trilho central para dar maior segurança à composição. Inaugurada em outubro de 1884, logo tornou-se a grande atração da cidade, sendo a primeira ferrovia turística das Américas. Com uma extensão de 3.775m, uma locomotiva a vapor conduzia até dois vagões ao topo. No meio do caminho, nas Paineiras, foi construído um hotel turístico, onde, neste século, se hospedaria o bailarino russo Wlaslaw Nijinski. No pico, a 704m de altitude, foi construído um mirante de ferro, logo batizado para "Chapéu de Sol". Em 1910 esta ferrovia foi eletrificada, aliás, a primeira experiência do gênero no país.

A mania de se erguer monumentos no alto de penhascos vinha do mundo clássico e tornara-se algo muito desejado no Romantismo, onde a paisagem conferia às estátuas emoções que a frieza da pedra ou metal nos impedia de passar. Já em 1894, houve quem sugerisse o erguimento de um monumento à Cristóvão Colombo no Pão de Açúcar. Em 1912, com a construção do bondinho da Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, voltou-se à idéia, agora não mais de Colombo, e sim de uma enorme imagem de Cristo. A idéia arrefeceu, mas não morreu. Em 1918, sugeriram novamente a ereção de uma imagem à Cristo, para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, que seria levantada no morro de Santo Antônio. A idéia foi comprada pelo Governo, só que optou-se mais corretamente pelo Corcovado, tendo o Presidente Epitácio Pessoa entrado em acordo com a Arquidiocese do Rio de Janeiro para a consecução da idéia. Em 1920, Pessoa transferiu para o domínio da Arquidiocese o pico do Corcovado, comprometendo-se a colaborar com a obra melhorando os acessos e fornecendo uma série de subsídios. Foi então realizado um concurso público de projetos, vencido pelo arquiteto brasileiro Heitor da Silva Costa. O projeto vencedor, de um Cristo carregando a Cruz, era bastante calcado no Cristo de Mendoza, na Argentina. Motivos financeiros retardaram a iniciativa por alguns anos. Em 1922, o Governo instalou uma enorme antena de rádio, a primeira do país, em forma de cruz, no alto do Corcovado, para proceder à primeira experiência com radiofonia durante a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil. Silva Costa, ao observar a dita cruz, pensou em alterar seu projeto, dando ao próprio Cristo uma forma cruciforme, bem mais legível à distância que o projeto original.

Aprovados os desenhos preliminares, foram feitos vários esboços da imagem, no que muito colaborou o artista Carlos Oswald, que desenhou a imagem em vários ângulos e insolações possíveis. A idéia original era fundi-lo em bronze, no que foram logo dissuadidos, temerosos de que acontecesse no Brasil o mesmo que ocorrera na Rússia, quando o governo soviético após a Revolução Bolchevique mandou fundir todas as estátuas metálicas de santos para reaproveitar os metais. Decidiu-se então que a imagem, com 30m de altura, seria feita em concreto armado. Em 1923, os planos foram levados à Europa, onde, na França, foram calculados pelo escritório de engenharia de Victor Caquot, famoso engenheiro, especializado em estruturas de grande porte. O Cristo teria doze pavimentos internos e estrutura suficientemente resistente para suportar um tufão de 250km/h, o que não ocorre no clima do Rio de Janeiro.